

4. EP1 de Uampaco: Exemplos de algumas práticas com vista a promover a aprendizagem escolar das crianças

Delfim de Deus Mombe¹¹

Resumo

Moçambique tem-se debatido com várias adversidades no caminho para a consecução dos três eixos principais do Plano Estratégico da Educação, nomeadamente, (i) assegurar a inclusão e equidade no acesso e retenção na escola; (ii) melhorar a aprendizagem dos alunos e (iii) garantir uma boa governação do sistema. Alinhado com o segundo dos eixos referidos, este trabalho mostra como e que se enaltecem algumas práticas com forte impacto na melhoria da aprendizagem dos alunos. Os exemplos são de uma escola que não obstante a carência de recursos com que se debate, particularmente os de ensino e de aprendizagem, entre professores e alunos, tem conseguido alcançar notáveis progressos a partir da adopção de estratégias quer para o trabalho didáctico no contexto de turmas numerosas, quer no sentido de suprir a carência de livros, cadernos, lápis, materiais imprescindíveis na aprendizagem da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Cooperação, entre-ajuda, tutoria, turmas numerosas, condições de aprendizagem.

Introdução

O acesso à educação constitui um direito fundamental de todo o ser humano. Moçambique, como estado-membro da Organização das Nações Unidas, é signatário da Convenção sobre os direitos da Criança bem como de outros acordos ou tratados internacionais como de Jomtien e de Dacar que têm em vista criar as condições que permitam à criança o crescimento saudável e o desenvolvimento da sua personalidade. Não se trata, na verdade, de apenas assegurar que as crianças tenham acesso à educação, mas também de assegurar que elas desenvolvam plenamente as suas aptidões e capacidades e a sua personalidade, o que é igualmente reconhecido pelo Estado ao identificar a *melhoria da aprendizagem dos alunos* como um dos três principais objectivos do Plano Estratégico da Educação, 2012-2016 (Conselho de Ministros, 2012). Entretanto, em muitos países como

¹¹ É docente da Universidade Pedagógica afecto no Departamento de Ciências da Educação, na Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia. (dmombe@up.ac.mz)

Moçambique, a pobreza constitui um verdadeiro obstáculo para a materialização deste objectivo. Tal como o UNICEF reconhece, as *crianças que vivem na pobreza estão privadas de muitos de seus direitos: sobrevivência, saúde e nutrição, educação, participação, e protecção contra danos, exploração e discriminação*. Relativamente à Moçambique, o UNICEF aponta no seu Relatório de 2014 sobre a situação de infância que estudos sobre a aprendizagem dos alunos mostram que os alunos do ensino primário estão a aprender pouco em termos de competências básicas, quer na escrita, quer na aritmética (p8). Estes dados são deveras preocupantes para toda a sociedade e colocam as crianças numa situação de precariedade em vários domínios, tornando ainda mais limitadas as possibilidades de interacção com um mundo em constantes mudanças facto que, segundo Domingos, Neves & Guilhardo pode criar o sentimento de impossibilidade de controlo da interacção com a vida, dando origem à frustrações (1981, 22).

Com o presente texto pretendo mostrar que mesmo em situações de pobreza como a da Comunidade de Uampaco, é possível desenvolver estratégias para assegurar que cada criança não só tenha acesso como também permaneça e desenvolva as suas potencialidades na escola. Aliás, compreender o que se passa nas escolas e nas salas de aula é, segundo Jacques Hallak¹², uma condição prévia para a melhoria mais eficaz da qualidade (da educação). Pretende-se, ainda, enaltecer e divulgar as boas práticas identificadas na Escola de Uampaco como contribuição para que em outras escolas possam encontrar subsídios e inspiração para a busca contínua de estratégias para a melhoria da aprendizagem escolar.

A Escola de Uampaco

À beira da EN1, alguns quilómetros à saída da Vila da Macia (Distrito de Bilene), em direcção ao norte, localiza-se a Escola Primária de Uampaco, que leciona o primeiro grau do ensino primário. A localização geográfica da Comunidade de Uampaco, próxima à Vila da Macia, não a faz dissociar-se do trabalho agrícola que constitui a principal ocupação da maioria dos seus habitantes. Esta Escola, construída com o apoio da UDEBA¹³, é frequentada

¹² Director-Geral Assistente da UNESCO e Director do Instituto Internacional da Planificação da Educação Extraído do Prefácio da obra de Carron & Cháu.

¹³ UDEBA: Unidade de Desenvolvimento da Educação Básica, é uma Associação de carácter nacional, fundada em 2004, que agrega educadores e interessados no desenvolvimento de educação básica em Moçambique. Define como sua tarefa contribuir para o desenvolvimento da educação básica, fazer com que seja relevante e significativa, com base

por crianças que, por vezes, percorrem 2-4 Km à pé de casa para a escola e vice-versa, pois para a maioria das zonas de origem não há transporte para assegurar a ligação casa-escola ou ainda porque as famílias não dispõem de condições para o seu pagamento. Ao analisar as causas do abandono escolar, particularmente nas zonas rurais dos países em desenvolvimento, como é o caso de Moçambique, Lemmer aponta as longas distâncias entre a escola e a casa entre as principais variáveis que frequentemente interferem no abandono escolar (2006, 82).

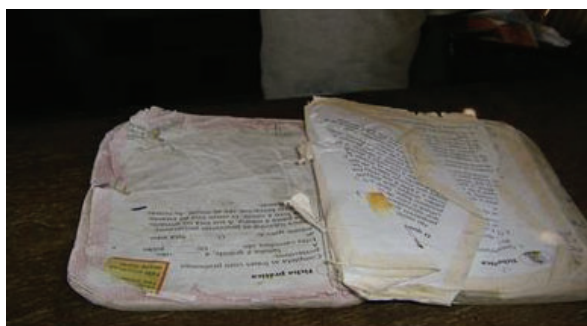
A EP1 de Uampaco, tal como na maioria das escolas do Distrito de Bilene, funciona em regime de dois turnos diários: entre 7.15 e 12.15 e o segundo, entre as 12.30 e 17.30hrs. Nesta escola trabalham actualmente seis professores, sendo uma delas a Noémia Chitlango que exerce igualmente o cargo de Directora. Durante 17 anos de exercício da actividade docente, a professora Noémia Chitlango, a Directora, não havia ainda frequentado qualquer curso de formação inicial, senão cursos de capacitação de que já não sabe exactamente o número. Apenas em 2013 é que concluiu o seu primeiro curso de formação inicial (10^a+2) através da modalidade de ensino à distância. A experiência profissional que foi adquirindo ao longo do tempo torna-a hoje uma professora muito admirada e reconhecida, constituindo ainda uma referência no trabalho pedagógico-didáctico ao nível do distrito de Bilene. O seu saber prático pode ser comparado à situação descrita por Carbonneau & Hétu para caracterizar o nascimento do que designam por *inteligência profissional*. Para estes autores,

Depois de certo tempo de prática, o saber académico torna-se o segundo, enquanto a prática profissional torna-se o primeiro na conduta empreendida pelo profissional para continuar a construir sua competência. (...) A transformação da prática educativa e do saber do professor está estreitamente ligada à transformação da identidade pessoal e profissional (2001, 66).

A sua inteligência profissional manifesta-se não só na actividade docente como também na liderança da escola. Não obstante a falta de formação inicial e especializada em matéria de gestão escolar, a professora Noémia Chitlango, como Directora, é promotora de um ambiente de trabalho caracterizado pela colaboração, cooperação, inter-ajuda e muita interacção entre os diferentes actores, particularmente os professores, os alunos e as comunidades onde a escola está inserida.

no envolvimento e participação activa das comunidades bem como a promoção de pesquisa e experimentação (<http://www.udeba.org>)

Tal como a maioria das populações das zonas rurais, muitas crianças que frequentam a EP1 de Uampaco é oriunda do meio social e económico desfavorecido. Algumas crianças têm de realizar diversas actividades antes de irem à escola – levar o gado à pastagem, ir à machamba, cuidar dos irmãos mais novos quando os pais se ausentam, etc., o que faz com que, por vezes, cheguem atrasadas às aulas. Algumas destas crianças vão à escola sem material suficiente para a aprendizagem incluindo o livro escolar que recebem gratuitamente do Estado ou que este já se encontre em avançado estado de degradação, conforme se ilustra na imagem abaixo obtida nesta escola. Comum a muitas crianças deste país, este cenário não propicia um ambiente favorável ao desabrochar das capacidades da criança e, ao mesmo tempo, coloca desafios acrescidos aos professores com vista a promover o desenvolvimento da sua personalidade. Segundo Carron & Châu (2006, 37/41) o acesso limitado à comunicação escrita fora da escola, como acontece tendencialmente nas zonas rurais, constitui uma situação preocupante, o que é agravado quer pela diferença entre a língua falada em casa e a língua de ensino, quer pelo nível de instrução dos pais, torna limitadas as oportunidades de praticarem a leitura e a escrita e torna difícil o apoio dos pais nas tarefas escolares dos seus educandos.



Fonte: Foto de autoria do autor

Trabalhando com e em prol da Comunidade

Conscientes de que a situação acima referida pode interferir significativamente e de forma negativa nas condições de aprendizagem e no desempenho escolar das crianças, os professores da EP1 de Uampaco, sob a liderança da respectiva Directora, a professora Noémia Chitlango, num espírito de equipa e, colocando a ligação da escola com a comunidade como valor fundamental do seu trabalho, conceberam uma estratégia com vista a apoiar as crianças oriundas de famílias cujas condições de vida são desfavoráveis de modo a

assegurar o mínimo de material com vista à sua participação nas actividades de aprendizagem na escola.

A compreensão de que não basta assegurar que as crianças tenham acesso à Escola, mas que seja necessário oferecer condições para que elas possam permanecer naquele ambiente e, ao mesmo tempo, adquirirem os conhecimentos que as permitam melhorar a sua vida, a vida da sua família, da sua comunidade e do país em geral (MINED, 2003:7), levou a equipe de professores da Escola a iniciar com um projecto de horta escolar, orientando-se em dois objectivos principais: (1) ensinar membros da comunidade a produzirem localmente algumas hortícolas de modo a (a) melhorarem a dieta alimentar; (b) aumentarem as rendas através da comercialização dos excedentes; (c) reduzirem os custos de transporte e de aquisição de hortícolas na Vila-Sede; e (2) adquirir materiais escolares para apoiar crianças necessitadas com base na venda da produção escolar (MINED, 2003).

Embora tenham sido poucos os membros da comunidade que participaram no projecto da produção escolar, foram muitos os que adquiriram os seus produtos (alface, couve, entre outros). Numa Assembleia Geral da Escola, da qual fui convidado a assistir, muitos membros da Comunidade manifestaram não só a sua satisfação com os resultados do Projecto como também o desejo de aprenderem a construir suas próprias hortas, pois ficou demonstrado que naquelas terras era possível cultivar aquelas hortícolas contrariamente à sua convicção anterior. Neste sentido, é possível afirmar que a escola assume o seu papel de agente dinamizador do desenvolvimento da Comunidade ao contribuir não só para a criação de bases para a melhoria da sua renda e da dieta alimentar como também contribui para criar ou superar certos hábitos ou práticas, desmontar certos tabus, etc. Neste sentido, a Escola de Uampaco aplica de forma exemplar um dos princípios pedagógicos que, à luz da lei do Sistema Nacional de Educação, devem orientar o processo educativo:

(...) a escola participa activamente na dinamização do desenvolvimento sócio-económico e cultural da comunidade e recebe desta a orientação necessária para a realização de um ensino e formação que respondam às exigências do desenvolvimento do país (Lei 6/92).

Melhorando as condições de ensino e promover a aprendizagem

Conforme me referi anteriormente, parte do valor obtido da venda dos produtos da horta escolar serviu para a aquisição de material escolar (cadernos, lápis, esferográficas, borracha) para apoiar as crianças necessitadas. Quando os alunos comparecem às aulas sem o

material básico como o caderno, o livro, o lápis e a borracha a sua participação nas aulas é bastante limitada. Quando se trata de classes iniciais a situação é ainda mais grave, pois as crianças devem exercitar a leitura, a escrita e o cálculo tanto na escola como em casa.

Por forma a assegurar a conservação dos materiais os alunos só podem, infelizmente, usá-los na escola. Quer dizer, os materiais são ‘retidos’ na escola. Embora se garanta que os alunos tenham os materiais na escola, eles ficam privados de usarem os mesmos fora da escola, o que constitui, sem dúvidas, uma limitação para a repetição das matérias, a exercitação e realização de actividades que contribuiriam para a consolidação e solidificação das matérias. É necessário, portanto equacionar estratégias de gestão destes materiais por forma a atender esta importante exigência do processo de aprendizagem – repetição, consolidação e solidificação das matérias.

Lidando (também) com turmas numerosas – A turma como importante recurso na organização das actividades de ensino e aprendizagem

Com uma média de 42 alunos, a turma na qual a professora Noémia Chitlango lecciona situa-se abaixo do que o Regulamento Geral do Ensino Básico considera como a média de frequência *normal* – 50 alunos¹⁴. Em muitas escolas, particularmente nos centros urbanos, a média de alunos por turma ultrapassa o regulamentado, constituindo uma das razões frequentemente apontadas para o fraco aproveitamento escolar.

Tendo participado no seminário de capacitação de professores sobre a “Pedagogia dos Grandes Grupos” promovido conjuntamente pela UDEBA e pela Direcção Provincial de Educação e Cultura de Gaza, em 2002, a professora Noémia Chitlango constitui um exemplo vivo de professores que procuram usar os alunos como um importante recurso para a organização e realização do processo de ensino e aprendizagem, o que corrobora com a ideia de que *a chave do ensino eficaz está no professor* (Coll & Solé, 2004, 248).

A entre-ajuda entre os alunos, uma concretização da modalidade do ensino-mútuo, é a estratégia que ela encontrou para tornar a aprendizagem mais efectiva, dado que os alunos em grupos muito restritos seapoiam mutuamente. A estratégia consiste em que os alunos que mostram domínio de determinados conteúdos de aprendizagem auxiliem os outros. A

¹⁴ Cf. Artigo 43 do Regulamento Geral do Ensino Básico – REGEB – (MEC 2008)

replicação e a repetição com os colegas do que aprenderam constitui um momento de particular significado uma vez que ao quem *ensina aprende duas vezes*. Enquanto os alunos-tutores realizam as suas actividades, a professora acompanha o processo dirigindo-se aos alunos para esclarecer, reforçar, apoiar, verificar e controlar. Os “tutorandos” são convidados a mostrarem o seu nível de compreensão e domínio das matérias resolvendo exercícios, respondendo a questões colocadas pela professora ou realizando actividades práticas. Com orgulho, a professora afirma que todos os alunos da sua turma – 3ª classe – sabem ler, escrever e contar, *contrariando* as afirmações generalistas de que os alunos do ensino público concluem o nível primário sem saber ler e escrever.

As práticas anteriormente descritas, que constituem autênticos exemplos de interacção social entre alunos, são apontadas por Colomina e Onrubia como tendo efeitos positivos no processo de aprendizagem escolar tanto do ponto de vista de rendimento académico como das variáveis de atitude, motivação e de carácter (2004, 280). Aliás, Postic (2007, 165), considera as interacções sociais como um motor da actividade cognitiva quando a tarefa é resolvida, inicialmente, de forma individual de modo a permitir a manifestação de comportamentos de cooperação e de conflito.

Outra forma de tutoria usada pela professora Noémia Chitlango é entre pares – ensino entre pares, também designada por tutoria entre iguais ou aprendizagem de pares. Esta estratégia de ensino consiste em escolher alunos-tutores que possam ajudar colegas com dificuldades na compreensão ou na realização de determinadas tarefas (Lopes & Silva 2010, 233). Após a confirmação do entendimento da matéria ou a correcção dos exercícios pela professora, os alunos-tutores, são envolvidos na facilitação da aprendizagem dos colegas, tarefa realizada com muito entusiasmo. Tal como Philip citado por Lopes & Silva (2004, 234) advoga que a eficiência é maior quando as tutorias ocorrem ainda na fase da aquisição, tal como a professora Noémia Chitlango o tem feito. O facto de receberem ajuda de alguém que se identifica mais com as dificuldades que sentem do que o próprio professor constitui segundo Lopes & Silva, um potencial elemento motivador para o tutorando.

As tarefas de tutoria são estendidas para o contexto extra-escolar. Os alunos que vivem em zonas muito próximas recebem e realizam tarefas sob orientação dos tutores. Os pais e encarregados de educação foram abordados por forma a ‘libertarem’ os seus educandos de outras actividades (domésticas) assim como darem apoio quando necessário. Segundo a

professora Noémia Chitlango, esta prática tem sido bem acolhida por parte dos pais e encarregados de educação, não obstante exigir muita persistência na sensibilização destes.

A terminar

Tal como pude testemunhar, os alunos da turma da professora Noémia Chitlango mostram muita alegria e entusiasmo durante as aulas e cada um recebe o apoio necessário para a sua progressão na aprendizagem. A falta de materiais é minorada ao nível da escola e as crianças podem realizar progressos na sua aprendizagem.

Num contexto em que as dificuldades são muitas, as boas práticas vão sendo ‘engolidas’ pela concentração nos problemas. Todavia, identificar e divulgar as boas práticas pode contribuir para a auto-superação dos professores e melhoramento contínuo do seu trabalho. Com este texto pretendi mostrar e exaltar os esforços que um grupo de professores engajados está a realizar com vista a tornar a escola um verdadeiro bem comum da Comunidade. Para o efeito, a Escola Primária de Uampaco procura, em suma:

- assegurar que as crianças tenham condições adequadas para a aprendizagem;
- contribuir com estratégias para a desenvolvimento da Comunidade onde está inserida;
- manter uma ligação estreita com a Comunidade analisando em conjunto os problemas e conceber possíveis soluções;
- desenvolver o espírito de trabalho em equipe.

A Escola de Uampaco é um exemplo de resiliência. As práticas dos alunos e dos professores mostram parte dos aspectos que para Antunes (2012,316) caracterizam uma abordagem resiliente, nomeadamente a capacidade de resistência às adversidades e de torná-las parte dos seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social. Parafraseando Antunes, a Escola de Uampaco é uma Escola resiliente, uma escola capaz de criar um ambiente educacional rico e estimulante, pois aprende a fazer da resiliência a característica essencial do seu modelo de organização (idem, 321). Assegurar que a escolarização dos alunos menos favorecidos exige, segundo Perrenoud (2004, 48), que tornar a Pedagogia mais eficaz para eles o que, por sua vez, requer repensar, otimizar, densificar regular melhor as situações e os métodos de aprendizagem que lhes são propostos.

O trabalho em equipa é outro aspecto saliente na Escola de Uampaco. A cooperação e interação entre professores – maioritariamente jovens – permite a partilha de diferentes experiências e práticas de organização e de realização do ensino. Tal como defendem Villa & Thausend citados por Morgado (2004, 44), nenhum profissional, de forma isolada, será capaz de lidar eficazmente com a multiplicidade e a diversidade das necessidades educativas, sociais e psicológicas de um grupo heterogêneo de alunos. Através de encontros regulares, os professores discutem sobre a vida da escola e partilham as suas experiências. Os encontros de planificação de aulas são um dos espaços-tempo de trocas com base na reflexão e na regulação de experiências. Com efeito, segundo Morgado,

(...) o desenvolvimento profissional de cada professor se torna mais consistente e facilitado num clima de cooperação entre os pares, de solidariedade e de inter-ajuda face a dificuldades, na partilha dos sucessos e de reflexão alargada sobre a fortíssima fonte de conhecimento que a vida quotidiana de uma comunidade educativa constitui” (op. cit., p50).

Parabéns à professora Noémia Chitlango e a toda a sua equipa pelo trabalho notável de assegurar que as crianças daquela Comunidade, não obstante as adversidades de natureza económica, social e material, encontrem na escola um ambiente favorável para o desabrochar das suas capacidades e potencialidades e para que cresçam felizes e saudáveis e estejam preparadas para enfrentar os desafios de um mundo em constantes mudanças!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, C. (2012): Na Sala de Aula, Editora Vozes, Petrópolis;

BOLETIM DA REPÚBLICA (BR): Lei Nr 6/92 de 6 de Maio, reajusta o quadro geral do Sistema Nacional de Educação, I Série, Nr. 19, Maputo, 1992;

Carbonneau, M. & Héту, JC (2001): Formação prática dos professores e nascimento de uma inteligência profissional. *In*: Perrenoud, P., Paquay, L., Altet, M. & Charlier, E. (Orgs) (2001): Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências? 2ª Ed., Artmed, Porto Alegre;

Carron, G. & Cháu, T. N. (2006). A qualidade das escolas primárias em diferentes contextos de desenvolvimento, 1ª Ed., UDEBA, Maputo;

Coll, C. & Solé, I. (2004): Ensinar e aprender no contexto da sala de aula. *In*: Coll, C., Marchesi, A. & Palancios, J. (2004): Desenvolvimento Psicológico e Educação, 2ª Ed., Artmed, Porto Alegre;

Colomina, R. & Onrubia, J. (2004): Interação educacional e aprendizagem escolar: a interação entre alunos. *In*: Coll, C., Marchesi, A. & Palancios, J. (2004): Desenvolvimento Psicológico e Educação, 2ª Ed., Artmed, Porto Alegre;

Conselho de Ministros: Plano Estratégico da Educação, 2012 – 2016, 2012, Maputo;

Domingos, A. M., Neves, I. P. & Galhardo, L. (1981): Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem, Livros Horizonte

INDE/MINED: Plano Curricular do Ensino Básico (PCEB), 2003, Maputo;

Lemmer, Eleanor (2006): Educação Contemporânea – Questões e tendências globais, 1ª ed., Texto Editores, Maputo;

Lopes, J. & Silva, H. S. (2010): O Professor faz a diferença, LIDEL, Porto/Lisboa;

Ministério da Educação e Cultura: Regulamento Geral do Ensino Básico – REGEB – 2008, Maputo;

Morgado, José (2004): Qualidade na Educação – Um Desafio para os Professores, Presença, Lisboa;

Perrenoud, Philippe (2004): Os Ciclos de Aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre: Artmed;

Postic, M. (2007): A relação pedagógica, 1ª Ed., Padrões Culturais Editora, Lisboa

UNICEF: Situação das crianças em Moçambique 2014

UNICEF: Situação Mundial da Infância 2005 – Infância ameaçada;